

# A TRAJETÓRIA POLÍTICA E INTELLECTUAL DE GORBACHEV E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA URSS

*Moisés Wagner Franciscon<sup>1</sup>*

## **Introdução**

À primeira vista, a transformação das ideias e políticas de Mikhail Sergeievitch Gorbachev (1931-) sobre o papel de seu país no mundo parece inexplicável. Afastou-se de seus antigos aliados e parceiros comerciais para se aproximar política e economicamente dos tradicionais inimigos; permitiu, ou mesmo atuou voluntariamente (como no caso cubano) para o esfacelamento da área de influência do país que comandava e que constituía um verdadeiro império; converteu regimes, que por décadas foram alvo da tentativa de aproximação soviética, em monstros do cenário internacional (como a Líbia de Muammar Kadaffi ou o Iraque de Saddam Hussein); abandonou as mais caras metas da política externa e de sua condução típicas a seu país.

Ao permitir que seu império externo se fragmentasse e que fosse sumariamente ocupado por seus novos parceiros da OTAN, preparou e tornou possível a desagregação do império interno de um Estado multinacional, como era a URSS. Ao eliminar a sombra do antigo inimigo externo – e de qualquer outro inimigo que não fosse o interno, compreendido como o forte setor político e social conservador – trocou uma política de coesão social interna (e com os antigos regimes satélites), por uma linha de crescente polarização social e de acirramento das tensões internas, que por vezes, quase degeneraram em guerra civil. Segundo Medvedev, se o conflito armado não eclodiu para além de alguns pontos da periferia da União Soviética, este feito pode ser creditado mais a pura sorte, do que a ação do secretário-geral<sup>2</sup>. As fronteiras ainda hoje não são assunto encerrado.

Ao criticar a antiga política externa como ideológica, caduca e irrealista, e o enfraquecimento internacional de sua pátria, Gorbachev (1985-1991) forjou uma nova conduta ainda mais ideológica e afastada da realidade mundial e das necessidades da URSS (ao menos enquanto se desejasse que esta permanecesse como superpotência).

A corrente de estudos da diplomacia baseada apenas no entendimento do realismo das ações tomadas, como a de Paul Kennedy<sup>3</sup>, deparar-se-ia com um objeto

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná. E-Mail: <mw.franciscon@hotmail.com>.

<sup>2</sup> MEDVEDEV, 2002 *apud* POCH-DE-FELIU, Rafael. *La gran transición*. Barcelona: Crítica, 2003, p. 11.

<sup>3</sup> O autor, escrevendo tão tarde quanto 1989, duvida que Gorbachev realmente transferisse os investimentos do setor militar para o de bens de consumo ou mesmo nos investimentos para dinamizar a economia (p. 474). Prefere se ater às tradições russas, e não à vontade e ao pensamento que se instalaram no Kremlin e que refletiam setores minoritários da sociedade. Percebe a existência de uma multiplicidade de opiniões, possibilidades e projetos para o futuro da URSS, mas não a profundidade de sua discrepância nem o potencial liberal dos reformistas e suas bases de apoio

impenetrável. Ou teria que tomar a versão de Gorbachev como a verdade objetiva. O país estava falido e o desarmamento precisava ser realizado, independentemente dos custos políticos e diplomáticos de concessões unilaterais. As ações iniciais de Gorbachev davam algum amparo a essa análise, como a moratória dos testes atômicos, decretada tão logo que assumiu o poder. Mas aceitá-la, significa ter que desconsiderar que a URSS conseguiu acompanhar a escalada militar até aquele momento.

Andropov estava a construir silos na mesma proporção em que estes eram implantados por Reagan e seu programa de euromísseis, de forma a manter a superioridade soviética nos mesmos níveis de antes<sup>4</sup>. Até então, sempre se imaginava que a União Soviética havia atingido seu limite (era o discurso ocidental desde os tempos de Lenin). Entretanto, o sistema conseguia alcançar os objetivos primários fixados. Os especialistas ocidentais estavam abandonando essa ideia e já conjeturavam quanto tempo a URSS levaria para formar seu próprio escudo de defesa espacial<sup>5</sup>. A crença na ruptura do regime estava presente apenas nos discursos de Reagan. Com as concessões diplomáticas e a crise econômica do fim da década de 1980 o discurso do peso dos gastos militares como fator essencial para a ascensão de Gorbachev e o fim da URSS retornou à academia<sup>6</sup>. A questão não passa por uma derrota militar – que não ocorreu, ou uma deserção diante do poderio inimigo, mas sim nos objetivos traçados pela liderança, que pretendia não a confrontação ou a competição diplomática e militar internacional, mas se fundir

---

em grupos sociais. Reconhece seu poderio econômico e militar ao afirmar que “isso [a gama de dificuldades estratégicas e produtivas soviéticas] não significa que a União Soviética esteja à beira do colapso [...]. Significa, isso sim, que ela está enfrentando opções difíceis. Como disse um especialista russo, ‘A política de canhões, manteiga e crescimento – a pedra fundamental política da era Brejnev – já não é possível’” e as preocupações imperiais eram a prioridade inquestionável. KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências*. Rio de Janeiro: Campus, 1989, p. 487.

<sup>4</sup> Sem a ratificação do Tratado SALT II pelo Congresso dos EUA, que controlaria a produção de mísseis balísticos, a URSS de Brejnev substituiu armas antigas pelos novos SS-20. O novo presidente americano, Ronald Reagan, acusou a União Soviética de provocar uma escalada armamentista e em 1981 firmou acordos com os membros europeus da OTAN para a fixação de mísseis Pershing II e cruises (Tomahawk) em seus territórios. A população da Europa Ocidental se mobilizou contra a nuclearização armada, realizando grandes manifestações em 1983. O historiador E. P. Thompson foi um de seus líderes. Ver: BLACKBURN, Robin (org). *Depois da queda*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. Alguns autores viram nisso uma “suja campanha soviética” que, ao fracassar, colocou a diplomacia soviética numa situação delicada. Ver: BIALER, Seweryn; MANDELBAUM & Michael. *The global rivals*. Londres: I.B.Tauris, 1989, p. 71.

<sup>5</sup> A estação espacial *Polyus*, Polo, era uma base militar equipada com um sistema de defesa antissatélite, um lançador espacial de minas nucleares – que poderiam atingir o alvo na Terra em 6 minutos em vez de 30 de um míssil balístico intercontinental ICBM, e camuflagem *stealth* negra – ótima para o espaço. O foguete *Energia* que a levaria ao espaço, em 1987, teria saído de rota. ERICKSON, Lance. *Space flight*. Lanham: Government Institutes, 2010, p. 643.

<sup>6</sup> Rodrigues afirma que o custo da corrida armamentista era insuportável. Ver: RODRIGUES, Robério Paulino. *O colapso da URSS*. Tese (Doutorado em História Econômica). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006, p. 196-193. Segrillo lembra que Israel invertia em defesa uma proporção similar do PNB e nem por isso entrou em crise. Ver: SEGRILLO, Angelo. *O declínio da URSS*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 125-131. Se o complexo industrial-militar de fato correspondesse ao calcanhar de Aquiles econômico, com a reconversão de Gorbachev e a privatização de Yeltsin a economia deveria ter florescido. Ocorreu o contrário. O modelo soviético dependia do setor, que contribuía com moeda forte provinda das exportações de armas para o Terceiro Mundo, transacionadas em dólar em algum momento.

ao ocidente e assumir sua cadeira na “casa comum europeia”, enquanto filhos da Europa e da civilização ocidental.

Para tanto, os estudos de Lévesque e sua análise que une objetivos reais e crenças ideológicas e a tentativa de estabelecer “concessões mútuas aceitáveis” – de acordo com o que era aceitável no momento para a liderança soviética, são fundamentais. Ele abre o quadro de aparente entrega do império soviético para o questionamento do que a liderança soviética pensava, imaginava ser possível ou acreditava desejável, e de quanto estava disposta a pagar por isso. Os discursos do líder soviético, produzidos para seu país, nações aliadas e rivais, é essencial para a tarefa.

## **Gorbachev Chega ao Poder**

A incompreensão do Ocidente diante de Gorbachev iniciou-se com sua ascensão ao poder. Apesar de ter sido o número dois do secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) Yuri Andropov (1982-1984) e de participar de encontros diplomáticos no exterior, o modelo aceito pelos analistas previa que outro gerontocrata sucedesse a Chernenko (1984-1985), como o líder do partido em Moscou, Grishin, e não Gorbachev, que estava na problemática pasta da Agricultura. Em seguida, foi tratado como sucessor natural, por sua juventude. Mas Romanov, figura de Leningrado imbricada com o complexo industrial-militar e membro do Politburo, a instância colegiada máxima do país, elegível para a secretaria, era mais novo que ele.

Gorbachev chegou ao poder máximo da URSS por dois fatores: (1) O jogo entre as diversas facções do PCUS – que agregava desde stalinistas até socialdemocratas e liberais sob a falsa aparência de monólito<sup>7</sup> – pendia para o sacrifício do setor militar para empreender as reformas tidas como necessárias para romper o quadro de *zastoi*, estagnação econômica, e gerir a delicada situação diplomática do país (pressão vinda do Ocidente e da China, Afeganistão, novos e débeis aliados). Esse consenso era frágil, o que explica a ascensão do conservador Chernenko em 1984 e não a de Gorbachev como substituto do reformador Andropov. (2) Pura sorte. A morte de Chernenko após longa agonia pegou de surpresa os membros do Politburo com voto. Boa parte dos conservadores estava em viagem. O Ministro das Relações Exteriores, Andrei Gromiko, acelerou o rito de eleição e Gorbachev foi escolhido em tempo recorde, num Politburo esvaziado<sup>8</sup>. Ainda assim, não foi eleito por unanimidade, como a terminologia política do partido evidenciava<sup>9</sup>.

Um homem com “apenas” 54 anos, hábil com a fala, preocupado com a imagem. Era esta a visão ocidental do novo líder, chamado de “fenômeno”, até 1987. Como os demais secretários-gerais, provinha do interior – Stavropol<sup>10</sup>, no norte do Cáucaso, e não das grandes cidades. Como a maioria, não era a

<sup>7</sup> BROWN, Archie. *The rise and fall of Communism*. Londres: HarperCollins, 2010, p. 415.

<sup>8</sup> BROWN, Archie. *The Gorbachev factor*. Nova York: Oxford University Press, 1996, p. 84-87.

<sup>9</sup> MEDVEDEV, Zhores. *Gorbachev*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, p. 16.

<sup>10</sup> A cidade é capital do *Krai* (unidade formada por povos de diferentes nacionalidades. Entre elas, armênios, gregos, chechenos, tártaros) de Stavropol. GALEOTTI, Mark. *Gorbachev and his revolution*. Londres: Macmillan, 1997.

imagem de uma pureza étnica russa, como insistem alguns autores<sup>11</sup>. Provinha, igualmente de baixos estratos sociais: camponeses. Seu pai, ativista kolkhoziano. Seu avô paterno foi morto nas purgas. Ao contrário da gerontocracia<sup>12</sup> de sua época, visitou o ocidente ainda jovem, o que o impressionou. Estudou com alunos do Leste Europeu, provindos do intercâmbio. Como advogado em Moscou, participou dos processos de reabilitação das vítimas de Stalin. Conhecedor dos meandros da burocracia, inteligente e bajulador, subiu rapidamente os degraus do partido do Komsomol até a direção-regional e o Kremlin<sup>13</sup>. O controle das estâncias termais, de caça e pesca do sul do Mar Negro possibilitou o contato com o círculo dirigente. Lewin desvenda o “fenômeno Gorbachev” ao mostrá-lo como fruto das mudanças na própria URSS: urbanização, escolarização, industrialização, mudanças demográficas, que tornaram a sociedade autônoma frente ao regime, que pouco podia controlá-la ou censurá-la de fato – por mais que se esforçasse em alguns momentos<sup>14</sup>.

Entre 1985 e meados de 1986 parecia que Gorbachev permaneceria na linha de Andropov, de reforço da disciplina e dos incentivos materiais à produtividade, a *uskoreniye*<sup>15</sup>. Não se viu menor atuação do Estado, e sim maior. Tentou regular as feiras livres e a circulação de alimentos vindos dos kolkhozes para a venda privada. Se reconheceu o trabalho individual por lei em 1986, passou a taxá-lo. O que representou um esforço para evitar a fuga dos trabalhadores das atividades nas empresas estatais para seus negócios privados e o mercado negro<sup>16</sup>. Porém, no fim do ano, já previa *joint-ventures* como McDonalds e Pierre Cardin. Após liberar informações de Chernobyl para o Ocidente, passou a acelerar os encontros e iniciativas diplomáticas. Reformador, mas sem plano de reforma, gradativamente adotou posturas liberais e da nova socialdemocracia.

A *perestroika*, ou reconstrução, ganhou contornos sérios em 1987. Previam-se inicialmente o incentivo ao trabalho e aos negócios que não fossem geridos pelo Estado ou de sua propriedade, com um crescente mercado submetido ao Gosplan, o órgão da planificação econômica, convivendo com a economia centralizada. A privatização surgiu claramente em 1988 e a partir de 1990 falava-se em terapia de choque. Em 1991 Gorbachev definiu a *perestroika*: “As metas da *perestroika* são a liberdade econômica, liberdade política, saída do isolacionismo e a inclusão do nosso país no contexto geral da civilização”<sup>17</sup>. A *glasnost*, ou transparência,

---

<sup>11</sup> Os olhos puxados de Lenin identificam sangue kalmuk e sua mãe era filha de um judeu e de uma alemã. Stalin era georgiano. Kruschev era filho de russos e ucranianos. Apesar do sobrenome russo e provir do Leste da Ucrânia, o passaporte interno da família de Brejnev acusava nacionalidade ucraniana. A mãe de Gorbachev era ucraniana.

<sup>12</sup> Em 1953 a média etária dos membros do Politburo era de 55,4 anos. Em 1980, 70,1. SCHMIDT-HÄUER, Christian. *Gorbachev: the path to power*. Londres: I. B. Tauris, 1986, p. 70. A pasta da Agricultura era um posto escolhido por rivais para se destruir a carreira de seus concorrentes. Apesar do aumento do salário anual dos camponeses de 100 para 140 rublos, a produção agrícola soviética declinou profundamente durante os sete anos de ministério de Gorbachev.

<sup>13</sup> ZEMTSOV, Ilya & FARRAR, John. *Gorbachev: the man and the system*. Piscataway: Transaction, 2007, p. 02.

<sup>14</sup> LEWIN, Moshe. *O fenômeno Gorbachev*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>15</sup> NOVE, Alec. *Stalinism and after: the road to Gorbachev*. Nova York: Routledge, 1992, p. 180.

<sup>16</sup> MEDVEDEV, *Gorbachev*, p. 249.

<sup>17</sup> GORBACHEV, Mikhail. *O golpe de agosto: a verdade e as lições*. São Paulo: Best Seller, 1991, p.

era a abertura do tradicionalmente fechado governo à sociedade, liberdade de informação, de expressão e acesso aos dados do Estado. *Demokratizatsiya* era a maior participação política da população e o novo sistema eleitoral.

## O Novo Pensamento contra a Velha Escola

A diplomacia soviética começou a se aproximar das concepções da antiga diplomacia da Rússia czarista ainda nos tempos de Stalin, ao menos na percepção dos especialistas americanos<sup>18</sup>. A prioridade dos interesses nacionais sobre os princípios ideológicos e o “socialismo em um só país”, formaram a estrada que tornou possível esse retorno, que atingiu seu ápice na Era Brejnev (1964-1982). O aproveitamento das oportunidades para a expansão de alianças ou áreas de influência pela diplomacia soviética, pôde pôr a perder a política ocidental de cordão sanitário e de contenção.

Nos anos 1970, a URSS conseguiu o que até o momento havia sido negado através dos mais diferentes meios: saída para os oceanos por meio de bases oferecidas pelos novos aliados do Terceiro Mundo<sup>19</sup>, possuía uma importante frota de superfície e uma impressionante armada de submarinos, que junto aos mísseis SLBM, projetavam o poder do país através do globo<sup>20</sup>. Um terço da superfície da Terra compunha o bloco soviético. Detinha acesso aos mais diferentes recursos. Na Europa, suas divisões e mísseis superavam em número, várias vezes, as forças da OTAN<sup>21</sup>. Enfrentou alguns reveses militares e diplomáticos em sua órbita, como a defecção do Egito para o campo americano (1975), do Sudão (1985), após a URSS apoiar a Etiópia, ou a invasão americana de Granada (1983). Arcava com custos elevados com a ajuda aos novos regimes socialistas ou de orientação socialista (Benin – 1975; Madagascar – 1975; Moçambique – 1975; Argélia – 1963; Congo-Brazzaville – 1970; Cabo Verde – 1975; Líbia – 1977; Burma – 1962, Síria – 1962; etc.) e a continuidade de conflitos regionais, como Angola (1975-89), Camboja<sup>22</sup> (1978-89) ou Nicarágua (1981-90), e cenários imprevistos como o Lêmen do Sul (1986), onde grupos marxistas pró-soviéticos se digladiavam, ou a guerra entre Somália e Etiópia, dois Estados pró-soviéticos, por Ogaden (1977-78). Contudo, sua economia resistiu até 1989 como a segunda maior do mundo.

---

110.

<sup>18</sup> ENGLISH, Robert. *Russia and the idea of the West*. Nova York: Columbia University Press, 2000, p. 18. O autor menciona o retorno do messianismo czarista, das preocupações imperiais e do isolacionismo agressivo.

<sup>19</sup> BERTONHA, João Fábio. *Rússia: ascensão e queda de um império*. Curitiba: Juruá, 2009, p. 100.

<sup>20</sup> MAGNOLI, Demétrio. *O mundo contemporâneo*. São Paulo: Moderna, 1997, p. 123. SLBM: míssil balístico lançado de submarino, em comparação com ICBM: míssil balístico intercontinental e ABM: míssil antibalístico.

<sup>21</sup> Paul Kennedy discorda das avaliações da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Para ele, ao se somar as forças ocidentais e do Pacto de Varsóvia, ocorria a predominância da paridade estratégia das forças convencionais (tanques, soldados, aviões, artilharia, etc). KENNEDY, *Ascensão e queda...*, p. 481-482.

<sup>22</sup> Exemplo de uma guerra fria dentro do campo socialista, opondo soviéticos e vietnamitas (que implantaram uma “monarquia socialista”) ao defenestrado regime maoísta de Pol Pot e seus aliados: China, Estados Unidos e Inglaterra. HOBSBAMW, Eric J. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 438.

Se o império da União Soviética expunha o espinhoso problema de um poder militar em ascensão, sustentado por uma economia em declínio<sup>23</sup>, oferecia por também algumas soluções para o mesmo. A herança de Gorbachev realmente mais preocupante era o atoleiro do Afeganistão e a situação da imagem externa do país – com a questão de um regime que se definia como o futuro da humanidade, mas que possuía cada vez menos respaldo entre a opinião pública internacional, ou ao menos, a opinião daqueles que eram o alvo primordial da tese revolucionária: o proletariado ocidental e seu mundo urbano, e não camponeses do mundo recém-descolonizado e agrário.

Gromyko havia participado ou comandado a política externa soviética desde os tempos de Stalin. Estudou a escola da política externa czarista e acabou imprimindo essa marca na formação dos diplomatas do país. Afastar todo o corpo diplomático profissional era o primeiro obstáculo para Gorbachev impor seu *novo pensamento*, que foi recebido por eles com desconfiança e resistência. O caminho escolhido foi o da substituição de assessores e ministros experientes por aliados, como Shevardnadze, totalmente leigo sobre o protocolo, a doutrina e o mundo das relações internacionais; e na convocação de embaixadores ligados às principais potências ocidentais, em suas boas relações com os seus interlocutores e na adoção de seu estilo de vida, como Yakovlev, de Ottawa, Dobrynin, de Washington, e Falin, de Bonn. Pessoas que, ou faziam parte do círculo dos reformadores e que eram antigas conhecidas, ou que acolheriam de bom grado suas propostas e as entenderiam<sup>24</sup>.

Dez anos após o fim da URSS, Gorbachev classificou a implantação de seu *Novo Pensamento* diplomático em três fases distintas: 1985-87, em que foi gestado teoricamente a partir da situação do país e do mundo do pós-guerra e dos desafios que se impunham; 1988-89, quando começou a ser aplicado na prática, inclusive nas relações internacionais dentro do campo socialista, a partir da Conferência da ONU de 7 de dezembro de 1988; 1990-91, momento em que diz perceber que as mudanças nas relações internacionais não foram completas ou tão profundas quanto esperava<sup>25</sup>.

O *novo pensamento* destinava-se a ser uma reavaliação da história diplomática da União Soviética, da importância das forças armadas, dos modelos de dissuasão empregados na diplomacia atômica, no reconhecimento da emergência de uma nova mentalidade global e das aspirações da opinião pública internacional, da realidade de uma “nova ordem mundial” baseada na interdependência econômica, tecnológica e política, no abandono de antigos modelos ideológicos por uma postura diretamente ligada à realidade, no repensar do papel da luta armada, da revolução mundial e em sua condução classista, na progressiva substituição dos interesses nacionais, de classe e dos grupos progressistas pelos “valores universais” e da civilização, na reconquista do apelo das ideias socialistas e da imagem renovada da URSS no cenário externo<sup>26</sup>. Enfim, de uma nova interação entre os povos e as

---

<sup>23</sup> BIALER, Seweryn. *The Soviet paradox: external expansion, internal decline*. Londres: I. B. Tauris, 1986, p. 191.

<sup>24</sup> BROWN, *The Gorbachev Factor*...

<sup>25</sup> GORBACHEV, Mikhail. *Gorbachev*. Nova York: Columbia University Press, 2000, p. 187.

<sup>26</sup> GORBACHEV, Mikhail. *O poder dos soviéticos*. Rio de Janeiro: Revan, 1988.

culturas do mundo, dentro do espírito da glasnost.

Para a liderança soviética estes não eram objetivos ambiciosos. Esse sistema já existia, no entanto era oprimido pela disputa entre as superpotências. Caso esta se abrandasse, essa nova realidade emergiria (da mesma forma que a opinião pública ou a sociedade civil da própria URSS, uma vez que o Partido se auto reduzisse). Porém, este quadro estava cristalizado e só a conquista de uma iniciativa de audácia, antes impensável, poderia derrotar os grupos aguerridos ao sistema de confrontação, de ambos os lados da Cortina de Ferro. A doutrina da iniciativa política do novo pensamento “exige um repensar profundo da situação, decisões ousadas e ações enérgicas”<sup>27</sup>. As declarações surpreendentes de Gorbachev tornaram-se uma marca dessa doutrina da iniciativa.

### **As Bases Ideológicas do Novo Pensamento**

Uma vez que a ideologia oficial, segundo o novo secretário-geral, não passava de uma ilusão esclerosada, como o relatório do XXVII Congresso de 1986 deixava entrever e os discursos de 1987 confirmaram, medidas antes inimagináveis não deveriam ser desconsideradas. Eram até preferíveis como forma de aturdir os adversários internos e externos, desarmá-los, desmontar suas retóricas, ganhar a batalha pela opinião pública e consolidar a iniciativa ao lado dos reformadores soviéticos. Novas relações com os antigos inimigos deveriam ser entabuladas. Uma ponte de compreensão estabelecida. E só poderia ser solidificada se a imagem do país no exterior fosse alterada, tanto para os mandatários como para as massas.

O grande plano estratégico de Gorbachev era não ter planos. Tudo o que já havia sido definido, poderia ser mudado repentinamente. A “vida” estabelecia novos desafios a cada momento. Situações antes insuspeitadas eclodiam. Não se deveria ter medo de reviravoltas radicais na condução dos negócios externos – e nem nos internos, uma vez que o país passaria por “mudanças inéditas e de envergadura desconhecida”<sup>28</sup>. A experiência e a vida forneceriam as melhores respostas, automaticamente. Não deveria se apegar a planos<sup>29</sup>.

Assim foi com o abandono do plano estratégico da aceleração da perestroika como descentralização e implante de instrumentos de mercado limitados, da glasnost confinada ao ambiente de trabalho, com o uso do Partido como motor das reformas, com a abolição das mais fundamentais instituições econômicas estatais. Das metas de se proceder primeiramente à reforma econômica para em seguida se enveredar pela reforma política, e o papel condutor do Partido, como também com a afirmação de que as superpotências só se sentariam à mesa depois da Iniciativa de Defesa Estratégica (IDE), ou “Guerra nas Estrelas”, também abandonadas. Da renúncia do uso do conceito do imperialismo e da confrontação estrutural entre dois sistemas avessos, da condução dos negócios dos aliados, da redução dos arsenais para sua abolição, das concessões mútuas pela retirada unilateral, do reconhecimento do papel dos Estados Unidos no solo da Europa ou na troca da postura crítica frente ao intervencionismo e militarismo americanos por

<sup>27</sup> GORBACHEV, Mikhail. *URSS*. São Paulo: Revan, 1985, p. 14.

<sup>28</sup> GORBACHEV, *URSS*, p. 79.

<sup>29</sup> GORBACHEV, Mikhail. *Glasnost*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 86.

uma política de aliança contra o terrorismo e os ditadores do Terceiro Mundo. O “dogmatismo político” e a doutrina de defesa nacional receberam uma inversão total. Sua primeira manifestação ocorreu em 1986, ao propor o corte do tempo das negociações e a tomada de ações de maneira rápida, como forma de superar o empasse das negociações sobre o desarmamento, o que deu origem às negociações “cara a cara” de Reykjavík<sup>30</sup>, que terminou com a proposta de abolição das armas nucleares (12 out. 1986).

A justificativa para tal comportamento instável (e para o reconhecimento deste) era sustentado através da leitura singular feita por Gorbachev do leninismo. A Ideocracia dos regimes socialistas fez com que, aqueles que não sucumbiram na passagem dos anos 80 para os 90, vestissem as reformas das mais sólidas e longínquas bases ideológicas do regime. A China pôde justificar sua inserção no comércio global porque Marx defendia a globalização e a aliança com os Estados Unidos, porque esta começou a ser construída pelo Grande Timoneiro. Achar passagens de Lenin e enquadrá-las de acordo com seus objetivos, por mais opostos que fossem com o que Lenin de fato queria dizer, não era tarefa difícil. E era ideologicamente recompensadora, como forma de explicar mudanças tão drásticas que pareciam ferir os princípios mais fundamentais do regime. Não se trataria mais do que um retorno à pureza ideológica.

Mesmo quando Gorbachev tentou abolir o sistema ideocrático e a ideologia oficial soviética, Lenin continuava a ser uma figura tão venerada pela maior parte da população que a vinculação de suas ações às do líder revolucionário não foi abandonada. Logo, as concessões feitas ao Ocidente em dezembro de 1987, com a assinatura do Tratado INF e o fim da superioridade estratégica<sup>31</sup>, foram legitimadas pelo uso da história: Lenin já havia tomado decisões parecidas em Brest-Litovsk<sup>32</sup>. Amplas concessões diplomáticas e militares eram o caminho para o desenvolvimento do socialismo, ontem e hoje.

Uma das táticas que Gorbachev atribuiu ao verdadeiro leninismo a ser resgatado, através da reforma e da eliminação das distorções soviéticas (primeiro conservadoras,

---

<sup>30</sup> GORBACHEV, Mikhail. *A URSS rumo ao século XXI*. Rio de Janeiro: Revan, 1986, p. 31.

<sup>31</sup> Para alguns, como Brown, a política externa de Gorbachev teve um êxito surpreendente ao desnuclearizar a Europa e encerrar a Guerra Fria. Para outros, foram concessões unilaterais, incapazes de provocar os americanos a contrapartidas. O Tratado INF de 1987, que retirou os mísseis de ambas as superpotências da Europa, significou o fim de um ponto de força soviético, já que possuía três vezes mais mísseis que os americanos, que preservaram suas ogivas em aviões e submarinos, aonde eram mais fortes. A diminuição de tropas e armas convencionais no Leste Europeu em 1988 não foi seguido de qualquer redução do efetivo da OTAN nas fronteiras de seu bloco. Como também o fim da base soviética no Vietnã, a retirada do Afeganistão e volta dos assessores militares soviéticos na África. Para outros, desespero diante da falência econômica, ou ainda, remanejamento de forças em direção a objetivos mais vantajosos – “seletividade geopolítica”. BRZEZINSKI, Zbigniew. *O grande fracasso*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1990, p. 222-223. Ver também: BRESLAUER, George. *Gorbachev and Yeltsin as leaders*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 60.

<sup>32</sup> Com a presença da figura menos apresentável à época de Trotsky, o tratado previu a entrega para a administração das potências centrais da Polônia, Finlândia, Ucrânia, países bálticos, Bessarábia, Cáucaso e a maior parte da Bielorrússia. Tal concessão possibilitou aos bolcheviques se concentrarem nos fronts mais imediatos e derrotar os intervencionistas e generais brancos aspirantes a czares. Com o tempo, boa parte desses territórios foram recuperados.



depois stalinistas) era a política de transformar fraquezas em posições de força<sup>33</sup>. E seu governo possuía inúmeras fraquezas – por muito tempo não podia contar com quem de fato queria nomear para cargos importantes, por ter que seguir, mesmo ele, a lista da *Nomemklatura*. Por seu programa só ser seguido ou aceito até certo ponto, por boa parte do Comitê Central e mesmo figuras importantes do Politburo, que impuseram mudanças nos projetos do secretário-geral, para que fossem aprovadas. Por precisar desviar recursos do complexo industrial-militar para o setor civil, urgentemente, e o Ocidente não. Por ter uma imagem de seu regime interno e de sua conduta internacional, tanto presente, quanto passada, desgastadas frente a um Ocidente com uma crescente retórica conservadora. Por estar envolvido em uma guerra de ocupação prolongada no Afeganistão, ao passo que, os EUA já haviam deixado essa fase para trás e os novos conflitos em que se envolveu em sua escalada militarista foram de curta duração e de baixo impacto sobre a opinião pública, como a invasão de Granada. Por seu campo de influência estar mais dividido (e ter disputas tanto ideológicas, quanto de interesses concretos cada vez maiores, como o afastamento dos regimes conservadores do Kremlin reformista, os impasses entre húngaros e romenos e somalis e etíopes) do que o próprio campo dos Estados Unidos (enquanto este se fortalecia como na obtenção pelos EUA de novos silos atômicos nos territórios dos membros da OTAN e na adesão ao boicote econômico e tecnológico ao bloco socialista). Por ter que discutir tanto a escalada de mísseis na Europa quanto no Pacífico – dividindo seus esforços em dois *fronts*. Por apresentar impasses militares, como a frente em Angola, Namíbia e Afeganistão. Por ter aliados fracos e titubeantes em contraposição a potências regionais cada vez mais engajadas em fortalecer a política de pressão do parceiro americano. Pelo desafio da IDE. Essa política de apostar com as fraquezas foi amplamente utilizada interna e externamente.

O ponto fraco da presente imagem internacional negativa (com a ênfase nos direitos humanos e na intervenção afegã) foi transformado em ponto de força, ao condenar Ceausescu e os demais líderes “duros” do mundo socialista, no repúdio ao sistema e na conduta pública de buscar um novo socialismo. A imagem passada foi contornada com o uso de uma crítica mais contundente do que o próprio discurso conservador ocidental, mais pesada “do que jamais o Ocidente sonhou em fazer”<sup>34</sup>, com a revisão e o descolamento do stalinismo, de seu papel na Segunda Guerra, das intervenções no Leste Europeu. O secretismo foi convertido em franqueza, cartas abertas ao público, numa maior transparência quanto às negociações do que a praticada pelos adversários ocidentais.

Gorbachev se tornou a imagem da sinceridade, da honestidade, da confiança, frente aos velhos políticos conservadores – de ambos os lados da Cortina de Ferro (ao menos temporariamente no lado ocidental). O não intervencionismo foi dado como garantia da observância à palavra dada e aos compromissos internacionais. A negação do eslavofilismo e isolacionismo pela ocidentalização e modernização segundo o modelo dos países da Europa Ocidental (que era uma confissão do sentimento de fracasso e inferioridade), foi dado como sinal de amizade, aliança e no anacronismo do temor frente a URSS. A fraqueza diante dos negociadores

<sup>33</sup> LÉVESQUE, Jacques. *The enigma of 1989*. Berkeley: University of California Press, 1997, p. 27.

<sup>34</sup> GORBACHEV, Mikhail. *Perestroika*. São Paulo: Best Seller, 1988, p. 147-148.

americanos e das concessões sem fim se tornou em força no papel pacifista, a crise econômica e a reconversão civil da economia (que poderia parecer como a falência precoce do sistema, como de fato era para os conservadores) foram dadas como lastro das intenções pacifistas da URSS<sup>35</sup>.

Derrotas militares e diplomáticas viraram vitórias políticas e morais. E se o socialismo parecia pouco atrativo do ponto de vista econômico, o apelo da paz, da liberdade e da esperança, deu um novo fôlego e uma nova presença à ideologia de um socialismo reformado, humano, e que não constituía uma ameaça ao capitalismo, pelo contrário. Apesar de ser difícil separar o que era simpatia pelas ideias do regime e o que era a popularidade de seu líder – a figura mais beneficiada pela onda de autocrítica, na avassaladora *gorbymania* de 1988-89.

A ideologia do novo pensamento foi chamada de “ideologia de transição”, por Lévesque. Ela surgiu a partir de conceitos leninistas, mas estes preceitos foram substituídos aos poucos. Entretanto, deixou algumas bases gerais, como o otimismo exagerado, a crença na transformação de decretos em realidade de maneira instantânea, um messianismo da liderança, “uma ambição prometeica para mudar a ordem mundial vigente”, “de maneira tipicamente leninista e voluntarista, que superestimou a possibilidade de moldar e canalizar o curso dos acontecimentos internacionais”:

*Educados em uma tradição marxista, os líderes soviéticos e seu círculo de intelectuais [...] acreditaram ter compreendido as “novas e profundas tendências do desenvolvimento histórico”, as tendências sociais e políticas mais promissoras para a fixação do lugar da União Soviética e os interesses e os meios mais eficazes para persegui-los [...] [estavam] realmente convencidos de que sua empresa era parte do “sentido da História” [...].*

*Uma nova ordem mundial emergente foi planejada para dar a URSS um papel de liderança política e moral renovada nas relações internacionais através da sua nova ideologia [...]. Esta ideologia de transição [...] tinha duas funções específicas. Primeiro, ela serviu como um apoio que permitiu que a nova liderança soviética assumisse os riscos inerentes às suas iniciativas no Leste Europeu. Em segundo lugar, o caráter de mobilização e de inspiração da ideologia (acompanhado pelos sucessos alcançados Gorbachev na cena internacional até 1989) ajudou a neutralizar os adversários conservadores dentro da URSS.<sup>36</sup>*

O caráter ideológico do novo pensamento foi tão forte que teria sido o fator primordial para a não intervenção e o não uso da violência, mesmo com a

<sup>35</sup> GORBACHEV, *Perestroika*, p. 152.

<sup>36</sup> LÉVESQUE, *The enigma of 1989...*, p. 06; p. 32.

fragmentação da própria URSS<sup>37</sup>. Talvez uma melhor definição fosse a de ideologia de atualização, tendo em vista que em suas origens oficiais, Gorbachev pretendia modernizar o marxismo-leninismo, mas progressivamente o foi descartando e o substituindo por uma ideologia visionária de uma frente ampla de centro-esquerda.

### **Reformulações sobre o Papel Internacional da URSS**

Enquanto membro do Politburo e durante os primeiros meses de 1985, Gorbachev não fez alterações importantes na retórica diplomática soviética. Porém, uma variação significativa teve lugar na ação prática<sup>38</sup>, se tivermos em conta que nos últimos meses de Chernenko ele já o estava substituindo. Um secretário-geral recém-empossado reunia-se sempre primeiro com países aliados, para em seguida, dialogar com os delegados ocidentais. Gorbachev inverteu esse ritual. Desde Andropov e a crise dos euromísseis, os soviéticos se recusavam a fazer reuniões sem que esse tema e dos ICBM fossem tratados conjuntamente com a IDE – imposição que foi revogada em Genebra. A visão realística da diplomacia precisava recorrer a afirmação de que tratava-se de uma campanha publicitária soviética, do uso do moralismo no jogo internacional<sup>39</sup>. A supremacia nuclear na Europa era o que permitia a URSS entrar na questão da militarização do espaço pelos EUA. Não poderia se desfazer de seus arsenais por serem seu ponto de apoio concreto para quaisquer exigências – de negociações de desarmamento até cooperação econômica. Não foi o que ocorreu.

Pequenas mudanças no discurso eram cercadas por um cerne de continuidade das formas protocolares. Todavia, essas mudanças cada vez mais atingiam características fundamentais da conduta soviética e as fórmulas discursivas antigas cediam espaço, até quando (1987 nas relações com o Ocidente e 1988 nas com o Leste) são totalmente transtornadas. A crítica às ações do Ocidente, contudo, prosseguiram, não obstante suaves, até sua última aparição, com a Operação Causa Justa e o bombardeio da Cidade do Panamá, no fim de 1989, vistos como “intervencionismo” americano. A partir deste momento, ocorre uma convergência mais profunda em direção ao apoio à diplomacia dos EUA. Em 1985 dizia que:

*Deve ser claro como cristal que as relações internacionais podem ser canalizadas para a cooperação normal somente se os imperialistas abandonarem suas tentativas de equacionar por meios militares o histórico argumento entre os dois sistemas sociais.*<sup>40</sup>

Em 1986, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Giorge Grechev, em

<sup>37</sup> LÉVESQUE, *The enigma of 1989...*, p. 20.

<sup>38</sup> Além das ações práticas, o que foi chamado na época de “mudanças cosméticas” não deixou de chamar a atenção, como a primeira coletiva de imprensa oferecida por um líder soviético, em novembro de 1985, em Paris. GORBACHEV, Mikhail. *Tempo para a paz*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

<sup>39</sup> As concessões soviéticas demonstraram a autonomia dos agentes políticos e de suas percepções individuais frente a razão de Estado. DONNELLY, Jack. *Realism and international relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 163-164.

<sup>40</sup> GORBACHEV, *Tempo para a paz...*, p. 45.

Reykjavík, ainda podia responder sobre os direitos humanos (e a lista de dissidentes presos, que foi um tema que ganhou importância na relação entre soviéticos e americanos ainda nos anos 70) na URSS, que “nós também queríamos falar dos direitos humanos nos Estados Unidos e apresentar uma lista dos desempregados nesse país, mas eles são tantos que já perdemos a conta”. Muito da antiga retórica permanecia inalterada entre os reformistas, e outros elementos eram alterados.

A mesma transformação ocorreu com o Terceiro Mundo – que era a principal fonte de novos aliados soviéticos. No mesmo ano (1986), o bombardeio ordenado por Reagan contra Trípoli e Bengazi, como represália ao regime de Kadaffi, foi visto como uma agressão internacional. Gorbachev questionou como os demais países reagiriam se, para atacar uma outra nação soberana, a URSS atravessasse o espaço aéreo europeu<sup>41</sup>.

1987 foi o ano das negociações para um programa de saída do conflito no Afeganistão (1979-1989). O início de 1988 marcou a primeira atuação conjunta da diplomacia americana e soviética. Ambos pressionaram a OLP para que reconhecesse o Estado de Israel, a fim de avançar com as negociações de paz. Gorbachev, diante de Arafat em Moscou, foi mais longe: “o reconhecimento do Estado de Israel e a consideração pelos seus interesses na área da segurança são elementos necessários para estabelecer a paz”<sup>42</sup>. Para Gorbachev, as ações militares de Israel seriam baseadas em uma preocupação com a segurança nacional tão legítima quanto às reivindicações palestinas. A OLP é que seria intransigente, ao não aceitar os planos de paz e insistir em seus próprios planos, como o de um Estado único, tornando-se o principal fator para a continuidade dos conflitos.

No mesmo ano, fez o anúncio de que a URSS (que o Ocidente procurava de alguma forma vincular às ações terroristas, como as de Carlos o Chacal, da Fração do Exército Vermelho ou mesmo a governos tidos como patrocinadores de atentados, como a Líbia de Kadaffi) havia se unido ao “fronte comum contra o terrorismo internacional”<sup>43</sup>. As tensões em torno de áreas de influência no Oriente Médio foram descritas por Gorbachev como motivadas pelas tentativas dos EUA de expulsarem a URSS desse palco geopolítico e em sua crença de que a URSS pretendia o mesmo. “Os EUA também deveriam evitar comprometer-se com aspirações ou objetivos inalcançáveis”, pois “os americanos precisam de 10 anos para entender algo que a experiência anterior já deveria ter-lhes ensinado”, de que a ação unilateral não funciona nesse cenário<sup>44</sup>. Para analistas ocidentais, a diminuição ou o fim da ajuda financeira, técnica e militar aos aliados mais fracos significava uma nova estratégia de realocação de recursos<sup>45</sup> em prol de aliados

---

<sup>41</sup> GORBACHEV, *Perestroika*, p. 244-245.

<sup>42</sup> *Veja*, São Paulo, 20 abr. 1988, n. 1024, p. 40.

<sup>43</sup> GORBACHEV, *Perestroika*, p. 203.

<sup>44</sup> GORBACHEV, *Perestroika*, p. 204.

<sup>45</sup> Poderia ser também um misto de propaganda vazia, anunciada para ser descumprida em seguida, com alguma vantagem diplomática, ou redução dos gastos para uma paridade com a ajuda dos EUA a seus aliados – enquanto a UNITA recebia US\$ 15 milhões deste, o governo angolano recebia 4 bilhões da URSS. O Vietnã recebeu desde 1978 9 bilhões em ajuda militar e outros 8 em econômica. Só na Etiópia existiam 1700 assessores militares soviéticos. Os EUA investiram apenas 1 bilhão por ano com grupos militares antissoviéticos. FLERON, Frederic; HOFFMANN, Erik P. & LAIRD; Robbin Frederick. (orgs.). *Soviet foreign policy*. New Brunswick: Transaction Publishers,

mais fortes ou estratégicos<sup>46</sup>.

Em 1989 procurou contrapor o intervencionismo americano (a ação contra o líder panamenho Noriega) com a adoção sincera do não intervencionismo: manteve suas tropas nos quartéis no Leste Europeu; não apoiou os reformistas que brevemente colheram o poder dos conservadores; não ameaçou os regimes pró-ocidentais que os sucederam e desmontaram o COMECON (o mercado comum comunista) e o Pacto de Varsóvia. A entrada definitiva no concerto das nações ocorreria com o apoio formal às ações da coalizão na Guerra do Golfo, no início de 1990. Para Gorbachev, a auto-exclusão da comunidade dos “países civilizados” teria chegado ao fim com sua promessa de sempre se unir a este grupo quando uma nação fosse agredida. Significava a troca do campo da “barbárie” pelo do respeito a lei internacional, como a adesão à versão ocidental de que o país havia apoiado ditaduras e facínoras<sup>47</sup>. Esta visão do papel internacional da URSS iniciou-se em fevereiro de 1986, no 25º Congresso dos Sindicatos soviéticos, quando Gorbachev disse que “nos anos 70 e 80 a URSS teve uma má imagem no Ocidente, e que a política dos países do Oeste foi negativa nas relações com Moscou, isto era motivado, acima de tudo, pela má gestão do país naquele período”<sup>48</sup>.

O que era visto como propaganda ou guerra de nervos passou a ser considerada como sinceras preocupações inerentes à conduta internacional soviética irresponsável. O primeiro sinal concreto dessa mudança foi a reestruturação da diplomacia internacional do país. No Ocidente, dizia-se que a diplomacia soviética possuía dois braços: o que preconizava a coexistência pacífica com o Ministério do Exterior e o braço que conduzia os partidos comunistas dispersos pelo mundo e promovia a guerra ideológica, do Departamento Internacional. Seria uma fonte de contradição e desconfiança. Com a nomeação de Eduard Shevardnadze (1928-2014) e Anatoli Dobrynin (1919-2010), um reformista leigo em assuntos internacionais e um experiente e bem-visto (pelo Ocidente) embaixador nos EUA, ambos os organismos convergiam. Abandonou-se o tratamento ideológico das questões internacionais e a aliança partidária internacional, por relações diplomáticas formais e “profissionais”. O que foi interpretado como um gesto de sincera boa vontade. Era o anúncio soviético de que parara de “fazer política com duas caras”<sup>49</sup>.

Os conflitos regionais entraram na agenda de Gorbachev após serem usados por Reagan como uma prova de que havia um plano soviético para “orquestrar uma série de revoluções socialistas” – e de tomar a iniciativa nos ataques de propaganda

---

1991, p. 372-373.

<sup>46</sup> KATZ, Mark. *The USSR and Marxist Revolutions in the Third World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 4. Outra percepção era a da neutralização do Terceiro Mundo. Ao invés de abandoná-lo, Gorbachev pretendia instrumentalizá-lo. Apoiar os países não-alinhados, incentivar a se afastarem dos EUA, arregimentá-los em bloco e se pôr a testa do grupo seria uma estratégia para enfraquecer a diplomacia americana e atacar a militarização do espaço, sem os problemas de financiamento e das disputas teóricas sectárias ou entre estados socialistas (como China, Somália e Etiópia). Ver também: ALLISON, Roy. *The Soviet Union and the strategy of non-alignment in the Third World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 248-250.

<sup>47</sup> YAKOVLEV, Alexander. *O que queremos fazer da União Soviética: o pai da Perestroika se explica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 95.

<sup>48</sup> MLYNAR, Zdenek (org.). *O projeto Gorbachev*. São Paulo: Edições Mandacaru, 1987, p. 146.

<sup>49</sup> GORBACHEV, *Perestroika*, p. 185.

após Gorbachev tocar no assunto explosivo da dívida externa dos países pobres para com os países ricos. Contudo, a ofensiva diplomática de Gorbachev se precipitou sobre este tema também. Inicialmente, buscou a manutenção dos territórios governados por aliados, mas em seguida passou a pressionar para que estes fizessem concessões. Deste modo, o impasse de dois anos (1987-1988) na frente de Cuito Cuanavale, no sul de Angola; em que se debatiam assessores soviéticos, tropas cubanas e do MPLA contra o exército da África do Sul, UNITA<sup>50</sup> e o apoio americano; foi resolvido com a retirada sul-africana de Angola, e das forças cubanas e do MPLA na Namíbia, quase totalmente liberada da ocupação sul-africana.

A intervenção do Vietnã, aliado soviético, no Camboja do maoísta Khmer Vermelho, apresentava duas frentes para a nova liderança: uma continuação do conflito sino-soviético, pelo apoio militar chinês ao Khmer, e com o Ocidente, uma vez que este, ao se aproximar da China, também forneceu apoio diplomático ao Khmer<sup>51</sup>. A solução encontrada pelo Kremlin foi forçar as negociações entre o Khmer e o governo da República Popular do Kampuchea, que em 1989 resultaram na formação de um governo de coalizão entre as várias facções, inclusive os monarquistas, como a introdução de reformas liberalizantes. Entre elas, o fim da economia planificada e a introdução do capital externo. O resultado prático era o reconhecimento das influências externas da China e dos Estados Unidos na Indochina. Para Gorbachev, apoiar o antiamericanismo era coisa de “aventureiros irresponsáveis”, mais ainda em regiões historicamente de direito dos Estados Unidos, como o continente latino-americano, “ligado a ele por laços tradicionais”<sup>52</sup>. O livro que continha essa afirmação, *Perestroika*, foi proibido em Cuba<sup>53</sup>.

A presença militar soviética mundo afora apresentou uma inflexão a partir de 1988-1989. A busca por uma saída para os oceanos era almejada desde os tempos dos czares. Com a revolução no Terceiro Mundo, a União Soviética concretizou esse objetivo. A frota do Índico foi montada com a posse de bases em Moçambique e Vietnã. O poder soviético poderia ser projetado facilmente sobre o cenário do Golfo Pérsico ou do Chifre da África. Essas bases entraram na política de desarmamento de Gorbachev, como também os mísseis no Oriente. Entretanto, em 1988 Gorbachev propôs não diminuir os efetivos, mas fechar a base no Vietnã, em troca do fechamento de uma das bases americanas no Oriente, nas Filipinas.

As ações de Gorbachev, oferecendo de início um apoio antecipado à coalizão formada contra Saddam Hussein, como pediam seus assessores Shevardnadze e

---

<sup>50</sup> MPLA: Movimento Popular de Libertação de Angola, apoiado por URSS, Cuba, Alemanha Oriental. UNITA: União Nacional para a Independência Total de Angola, apoiada por África do Sul, EUA, Israel e por breve período, China.

<sup>51</sup> Como a manutenção por este do controle da cadeira do país na ONU, apesar da maior parte do país, inclusive a capital, estarem sob o domínio do novo governo pró soviético.

<sup>52</sup> GORBACHEV, *Perestroika*, p. 219-222.

<sup>53</sup> As relações soviético-cubanas começaram a se deteriorar ainda em 1985, quando Gorbachev obrigou Fidel a comprar açúcar no mercado internacional para cumprir a cota requerida pela URSS, a preços muito mais altos que os estipulados nos contratos com os soviéticos. O cumprimento dos contratos pelos cubanos foi cobrado publicamente em 1989, durante sua visita à Cuba. Para os reformistas, Cuba, com seu protagonismo na América Latina e África, era geradora de problemas diante da aproximação com os EUA, vista como vital para os reformadores do Kremlin. GORBACHEV, Mikhail. *A proposta*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1990, vol. 4, p. 48.

Yakovlev (1923-2005), e a postura final na ONU de vetar essa mesma operação militar, produziram o resultado que ele acreditava inalcançável em 1988 – a URSS se viu privada de presença no Oriente Médio<sup>54</sup>. Os partidos nacionalistas árabes ficaram espantados de ver a antiga oferta de amizade e armas com a qual a União Soviética conquistou aliados como a Síria, tornar-se respaldo à guerra contra o líder do leigo nacionalismo árabe no Iraque. O afastamento de antigos aliados árabes ocorreu concomitantemente à surpresa do Ocidente com o repentino revés da posição soviética, que, com o início das hostilidades, voltou ao discurso pacifista. A tradicional “fritura” do governo americano através da opinião pública internacional, que era uma das principais estratégias soviéticas, já havia saído de uso há algum tempo devido aos ensaios de aproximação tentadas pela nova liderança do Kremlin.

Mais do que uma tentativa de expor a imagem do inimigo, a reviravolta de Gorbachev se deve a uma diplomacia da popularidade. A *gorbymania* de fins dos anos 80 era um aríete contra as posições contrárias ao desarmamento manifestadas pelas lideranças conservadoras do ocidente. E atingia onde estas eram mais vulneráveis: a intenção de voto de milhões de pacifistas ou não-belicistas. A nova força que Gorbachev buscava para a manutenção do status de superpotência da URSS, baseava-se não na superioridade estratégica ou de exércitos convencionais, e sim de superioridade moral. Esta seria alimentada com a liderança clamando por paz em um cenário de uma guerra prolongada e desgastante entre a coalizão e o quarto maior exército do mundo (que contava com armas tanto americanas como soviéticas<sup>55</sup>). Porém, a estimativa da duração do conflito foi mais um dos graves erros de cálculo de Gorbachev e seu círculo. Acredita-se também que, a tentativa de impedir uma guerra terrestre no Iraque, devia-se aos receios de uma explosão de fundamentalismo religioso entre a população maometana soviética<sup>56</sup>, ressentida com a agressão militar dos novos amigos ocidentais ao Islã.

## A Mão de Moscou

O quadro chamado por Gorbachev, primeiramente, de degelo e de retomada do clima da *Détente* dos anos 70, criada por Brejnev e o presidente americano Richard Nixon, foi, posteriormente, renomeado de “normalização” das relações internacionais – expressão já usada pelos chineses como forma de demarcar a evolução da Diplomacia do “Ping-pong”, entre Nixon e Mao Tsé-Tung, que previa a criação de estreitos laços políticos e econômicos com os Estados Unidos. A distensão seria obtida com a convergência econômica, social e política dos sistemas capitalista e comunista.

Em fins de 1987, Gorbachev via um Terceiro Mundo que acabaria mais cedo ou mais tarde assumindo voz própria. Entretanto, não deixa de vislumbrar a associação

---

<sup>54</sup> A base naval de Tartus permaneceu sob controle soviético. A Síria de Hafez al-Assad participou da coalizão contra Saddam. No entanto, a garantia soviética como fornecedora independente de armas e alternativa aos EUA foi abalada.

<sup>55</sup> O Iraque era o terceiro maior importador mundial de armas soviéticas, perdendo apenas para a Líbia e a Síria. GOODMAN, Melvin. *Gorbachev's retreat*. Nova York: Praeger, 1991, p. 78.

<sup>56</sup> GOODMAN, *Gorbachev's retreat...*, p. 182.

entre países ricos e a URSS para atuarem economicamente nas nações pobres. Os países em desenvolvimento deveriam abandonar sua política isolacionista do Grupo dos Não Alinhados por uma relação mais justa e entre iguais, nas novas relações norte-sul<sup>57</sup>. O resultado real de sua política foi a quebra da balança comercial soviética, já em situação dramática<sup>58</sup>. As exportações para os países pobres desabaram, especialmente aço e armas<sup>59</sup>. Contraditoriamente, define as relações econômicas entre o Terceiro Mundo e os países desenvolvidos como prejudiciais aos primeiros, como uma forma de extração de renda, remetida para o centro do capitalismo, e uma fonte de instabilidade política. Os juros da dívida e as pressões do capitalismo sobre a sociedade destes países estariam inflando uma bolha de revolta incontrolável (e indesejável).

Esse discurso surgiu com Fidel Castro e foi muito usado por Brejnev em sua crítica às instituições financeiras ocidentais. Porém, com Gorbachev, sofreria alterações que não permitem que seja visto apenas como uma continuidade da antiga retórica. A “mão de Moscou”, a força promotora das ondas de revolução social<sup>60</sup> nos países pobres não residiria no Kremlin, mas nos centros financeiros das metrópoles do capitalismo. Para ressaltar o não envolvimento da URSS no que era chamada de luta anticolonial e anti-imperialista, Gorbachev diz não ter interesse em atrapalhar as “relações de interesse mútuo historicamente estabelecidas” entre os países ricos e suas áreas de influência reconhecidas pela URSS.

Até esse momento, acreditava no reconhecimento recíproco das zonas controladas por cada superpotência, segundo o mapa traçado em Yalta – diferentemente do que afirmava diante de Husák em 1985<sup>61</sup>. Cada país escolheu o sistema que desejava seguir. Agora essa decisão deveria ser respeitada. A opção de uma saída do bloco não era mais uma realidade e não deveria ser defendida por ninguém, dentro ou fora deste<sup>62</sup>. Todavia, os povos devem escolher seu lado e ninguém “deve se orientar exclusivamente por padrões, sejam americanos, sejam soviéticos”. As fronteiras deveriam permanecer congeladas<sup>63</sup>. Tal posição perdurou até a crítica pública à Doutrina Brejnev, e no abandono de qualquer ambiguidade que pudesse conviver com a defesa implícita dessa doutrina. No fim do ano seguinte, entretanto, Gorbachev pôs em debate até a sua própria esfera de influência, com o seu discurso em dezembro de 1988, na ONU:

---

<sup>57</sup> GORBACHEV, *Perestroika*, p. 240; p. 163.

<sup>58</sup> O abandono dos antigos aliados e o embargo armamentício ao Iraque, levaram as exportações de armas a um nível crítico em 1989-1990. GOODMAN, *Gorbachev's retreat...*, p. 173.

<sup>59</sup> GOODMAN, *Gorbachev's retreat...*, p. 22.

<sup>60</sup> Para Hobsbawm a instabilidade do Terceiro Mundo possuía outras razões que não a ação revolucionária da URSS e de seus seguidores nos países pobres – como indefinições de fronteira, questões coloniais não resolvidas, instituições novas e não consolidadas, exposição às crises econômicas externas. O jogo das superpotências e o papel americano potencializavam os conflitos. HOBSBAMW, *Era dos extremos...*, p. 422.

<sup>61</sup> GORBACHEV, *Tempo para a paz...*, p. 134. A Conferência de Yalta (1945) definiu as zonas de ocupação e influência na Europa, ampliando o “Tratado das Percentagens” elaborado por Churchill e Stalin. Em 1985 Gorbachev insinuou a ameaça americana diante do líder tchecoslavo Gustav Husák.

<sup>62</sup> GORBACHEV, *A URSS rumo ao século...*, p. 91.

<sup>63</sup> GORBACHEV, *Perestroika*, p. 164.



*O desejo de democratizar todos os sistemas políticos que regem o mundo converteu-se numa poderosa força político-social de primeira ordem.*

*É evidente, por exemplo, que a força e a ameaça da força já não podem nem devem continuar a ser um instrumento da política internacional. Referimo-nos, em primeiro lugar, ao armamento atômico, mas não se trata unicamente disso. Todos, e em primeiro lugar os mais fortes, devem limitar por si mesmos e excluir totalmente o uso da força no exterior.<sup>64</sup>*

Não em uma reunião às portas fechadas do Pacto de Varsóvia, diante dos líderes da Europa do Leste, mas em Washington, perante as câmeras do mundo todo (cujas ondas chegavam aos sistemas improvisados de parabólicas ou aos rádios de ondas longas, que já não sofriam mais interferência dos *jammers*<sup>65</sup>, dos cidadãos das democracias populares), Gorbachev afirmava que não usaria das tropas do Pacto e que cada país devia possuir a liberdade de escolher seu próprio destino. Essa doutrina foi chamada de Sinatra, em virtude da música deste, “*I did it my way*”. Era o completo avesso da Doutrina Brejnev ou de soberania limitada, que havia promovido a estabilidade política desses países desde 1968, através da ameaça da intervenção militar do Pacto de Varsóvia e da imposição da permanência na esfera de influência soviética, ou, nos termos dos conservadores, viverem um futuro compartilhado em que uma ameaça ao regime de um país-membro era uma ameaça a todos. A invasão soviética do Afeganistão, no natal de 1979, devia-se à suspeita que os líderes emergidos de uma luta fratricida dentro do partido afegão poderiam trocar o círculo soviético pelo americano, como fez o Egito de Anuar Sadat, ainda nos anos Brejnev.

As peripécias de Gorbachev no Leste tiveram início com sua própria ascensão ao poder. Durante a posse, os secretários-gerais seguiam o protocolo de sempre atender primeiro os delegados da Europa Oriental, mas Gorbachev ficou quase todo o tempo com os representantes do Ocidente<sup>66</sup>. Suas relações foram tensas. As declarações condenando a intervenção de 1956 na Hungria e de 1968 na Tchecoslováquia eram uma crítica aos homens que assumiram o poder através delas – Kádár e Husák. Seus livros foram proibidos por Honecker, premiê da Alemanha Oriental. Gorbachev gerou incômodo ao líder romeno Ceaucescu por seus diálogos com trabalhadores romenos: “Se você me responde que em seu país não há problemas, eu não posso acreditar [...]. Sempre há, e não devemos ter medo de falar abertamente neles”<sup>67</sup>. Os líderes conservadores o renegaram e ele não apoiou os reformistas quando estes finalmente chegaram ao poder<sup>68</sup>.

Brown, como outros, aponta para um afastamento deliberado de Gorbachev frente a sua área de influência europeia. Como reformador, não poderia fazer mais

<sup>64</sup> GORBACHEV, *A proposta*, vol. 2, p. 20; p. 42.

<sup>65</sup> Sistema que embaralha os sinais de rádio e televisão, impedindo o seu acesso.

<sup>66</sup> BROWN, *The Gorbachev factor...*, p. 75.

<sup>67</sup> *Veja*, São Paulo, 03 jun. 1987, n. 978, p. 46.

<sup>68</sup> LÉVESQUE, *The enigma of 1989...*, p. 03; p. 87.

nada além de se opor e fazer críticas aos antigos chefes comunistas. Lévesque acredita que a questão não era de afastamento, mas sim de baixa prioridade – Gorbachev não achava importante dar atenção ao Leste Europeu – a ponto de não ter um projeto ou programa para embasar suas relações com a região. Quando crises sucessivas sobrevieram, seu comportamento foi aleatório, exacerbando sua conduta já contraditória. Ao contrário do que pensava, essas crises não eram facilmente sanáveis através do uso da iniciativa e a tentativa de jogar com pontos fracos para assumir posições de força, demonstrou-se desastroso (como incitar as massas para a reforma contra os conservadores no poder – o que serviu para tornar as condições inadministráveis para os próprios reformistas), elas saíram de controle e não sabia como reagir à situação imprevista. Porém, alguns líderes reformistas, que detiveram o poder rapidamente entre a queda dos conservadores e a renúncia ou derrota eleitoral frente aos liberais, falam inclusive no abandono da região por Gorbachev, como Grosz<sup>69</sup>. Não se pode esquecer também que, uma maior proximidade com os líderes conservadores (como Jikov e suas restrições às minorias turcas na Bulgária) arranharia a imagem externa de Gorbachev, tão importante para a sua diplomacia e influência decisiva sobre o público externo e na crença de sua confiabilidade.

### **As Transformações nos Discursos de Gorbachev**

Em 1985 nada passava mais longe dos discursos de Gorbachev do que a Doutrina Sinatra como substituta da Doutrina Brejnev. Previa a unidade de ação com os países comunistas. Diante do embargo econômico e da pressão militar, a saída seria o fortalecimento das relações entre os países socialistas, inclusive com a China<sup>70</sup> – mas a essa altura já estava promovendo as alterações dos quadros do Departamento Internacional. Em seguida, o movimento comunista internacional deveria se adaptar ao novo mundo de sinceridade e de união com todas as forças progressistas, como os socialistas ou os socialdemocratas<sup>71</sup>.

Os elogios e a visão otimista logo cedem lugar à crítica, como a de que as relações entre os países do bloco “se tornaram pouco sérias” e quase exclusivamente comerciais. Ainda afirmava nessa época (fins de 1987) que deveria existir uma tendência geral à união que guiasse todos os países socialistas, mesmo a rival China. Essa tendência geral fica mais clara quando se fala da futura integração do COMECOM com a Comunidade Econômica Europeia, CEE, visando à unificação do bloco europeu e a construção da “casa comum europeia”. Enquanto alguns

---

<sup>69</sup> “Desde meu primeiro encontro com Gorbachev, eu expressei o desejo de que [...] todas as tropas soviéticas deixassem a Hungria. Ele imediatamente concordou, observando que, no entanto, seria melhor tratar da retirada no âmbito das negociações com a OTAN, para que a URSS pudesse obter em troca reduções americanas comparáveis na Europa Ocidental. Então, para minha surpresa, toda vez que eu pedi a ele algo que eu acreditava ser muito difícil e delicado do ponto de vista dos interesses soviéticos na Hungria, ele sempre disse que sim. Eu finalmente cheguei à conclusão de que ele e Shevardnadze já tinham em mente um plano para separar completamente a União Soviética da Europa Oriental”. LÉVESQUE, *The enigma of 1989...*, p. 86-87. Károly Grósz era gorbachevista e assumiu o poder na Hungria após a saída do presidente conservador János Kádár.

<sup>70</sup> GORBACHEV, *URSS*, p. 42.

<sup>71</sup> GORBACHEV, Mikhail. *Outubro e a Perestroika*. Rio de Janeiro: Revan, 1987, p. 72-73.

países estavam adiantados com a inserção na econômica global (como a Alemanha Oriental, que através de acordos econômicos com a Alemanha Ocidental, na prática, era um país-membro da Comunidade Econômica Europeia e em condições de concorrer e sobreviver nesse mercado, transformando-a numa “Europa dos Treze”), outros impediam o avanço do conjunto do bloco. O COMECON foi reorganizado pela liderança soviética (sem levar em consideração o que os demais países-membros achavam disso) como ferramenta de impulsionar essa aproximação. Não existiriam desacordos entre a URSS e seus aliados, apenas uma “crítica honesta”<sup>72</sup>.

Nessa época, Gorbachev cunhou o termo “casa comum europeia”. A imagem se referia as “*kommunalkas*”, às casas comunais do tempo de Stalin. Cada nação europeia teria seu espaço, seu cômodo dentro da casa comum, contudo, teriam que aprender a se relacionar dentro deste espaço, em que se deparariam constantemente e teriam que dividir algumas áreas (como são revezados o banheiro, cozinha, etc.). Ele colocava por terra a noção da partilha da Europa (ao falar da “artificialidade dos blocos” e da “natureza arcaica da Cortina de Ferro”) e de originalidade da cultura eslava para falar em um pan europeísmo, de convivência e interdependência em uma Europa unida geográfica e culturalmente. “A Europa, do Atlântico aos Urais é uma entidade histórica unida pela herança comum”, até mesmo religiosa, com o cristianismo<sup>73</sup>.

A segurança também deveria ser continental. Da mesma forma que os americanos usaram o Tratado de Helsinque como meio de fazer pressão econômica sobre a URSS, justificados pelas questões de direitos humanos envolvendo dissidentes famosos, Gorbachev pretendia usar o mesmo tratado como instrumento para amenizar as duas alianças rivais em solo europeu e dar força real à Organização de Segurança e Cooperação na Europa (CSCE) – uma devaneadora integração militar continental, abrigo tanto países comunistas quanto capitalistas<sup>74</sup>. Não faltaram críticos ocidentais sugerindo que a organização dessa *kommunalka* de todos os europeus ficaria a cargo do Kremlin, tornado fiador da segurança militar também da zona ocidental. Para resolver essa questão e afastar os céticos era necessário também definir o papel dos Estados Unidos na casa comum. Não era uma questão apenas formal ou cultural. A Europa Ocidental pululava de bases militares suas.

Ainda em 1985, Gorbachev lançou mão de suas críticas veementes, ou como Volkogonov prefere dizer, deu-se linguajar praguejador típico do interior<sup>75</sup>. A tensão mundial era culpa apenas “da política egoísta e militarista de Washington”. Ao exercer o figurino de “polícia do mundo”, o resultado concreto da presença internacional americana era desestabilizar o sistema internacional e “liquidar a

---

<sup>72</sup> GORBACHEV, *Perestroika*, p. 192-199.

<sup>73</sup> Em sua declaração realizada dois anos depois, em 1989, no Parlamento Europeu, propôs “a criação de uma vasta zona de cooperação econômica que se estenda do Atlântico aos Urais, mantendo estreita interligação entre as partes oriental e ocidental da Europa”. GORBACHEV, Mikhail. *A proposta*, vol. 4, p. 192. A visão de uma futura fusão do COMECON com a CEE, unidos por trem-bala, fibra ótica, sistemas de energia (reatores nucleares de tecnologia soviética e europeia ocidental) e de satélites (com recursos do Oeste Europeu, lançados pelos soviéticos) e televisores digitais era bem diferente das declarações iniciais de aumento do comércio entre os blocos.

<sup>74</sup> GORBACHEV, *A URSS rumo ao século...*, p. 99; GORBACHEV, *Perestroika*, p. 224-241.

<sup>75</sup> VOLKOGONOV, Dmitri. *Os sete chefes do Império Soviético*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 401.

liberdade e a soberania dos povos”. “O imperialismo tem intensificado ultimamente a atividade subversiva” desde sua população interna de trabalhadores até aos países socialistas<sup>76</sup> – essa visão não se trataria de uma política equivocada de Brejnev. Ou em 1986, em que o capitalismo (e a presença americana) era uma ameaça à civilização e aos valores universais, era uma “cultura de violência, ódio, racismo, vileza”<sup>77</sup>. Para fortalecer sua política pan-europeia tentava mostrar os Estados Unidos como um corpo estranho ao continente e à sua civilização, ao contrário da União Soviética (o que era a completa inversão do que se pensa no Ocidente). Seria uma ameaça por roubarem a soberania da região (e daí a necessidade do continente ser “novamente protagonista de sua própria história” através da união de suas nações, do fortalecimento da CSCE e do afastamento das influências externas), promoverem o recuo da “imensa cultura europeia”, diante do avanço de sua própria, baseada na cultura de massas e na violência<sup>78</sup>. Ao mesmo tempo, Gorbachev procurava manter uma posição mais branda ou ambígua sempre que possível, como no episódio de 1985, em que produziu duas versões diferentes do mesmo discurso sobre Reagan – um mais enfático para ser lido diante do PCUS e outro, muito mais afável, que acabou sendo publicado no exterior<sup>79</sup>.

A visão do papel americano na Europa mudou rapidamente no ano de 1988. O medo imediato era o de militarização autônoma dos países da Europa Ocidental. Nesse quadro, a URSS se confrontaria com dois inimigos poderosos: tanto os Estados Unidos, com a mesma presença no continente, quanto os países mais desenvolvidos do continente se voltando para uma corrida nuclear. Os EUA foram vistos como importantes para o cenário europeu e com uma função a desempenhar. Esse papel, na prática, era o de amortecer as preocupações de segurança e evitar essa proliferação armamentística, mantendo equilibrada a disposição de forças nesse cenário geopolítico.

Na segunda metade de 1989 o poder já escapava do POUP, o partido operário polonês, para o Solidariedade, apoiado pelos partidos políticos que antes formavam a frente comum encabeçada pelo POUP. Na Hungria o Partido Socialista dos Trabalhadores Húngaros mudava seu nome para Socialdemocrata e se fragmentava. O êxodo alemão-oriental já estava em marcha pela recém-aberta fronteira húngara com a Áustria. Neste momento, Gorbachev falava em mudanças nas esferas de influência e numa Europa unificada pela liberdade – especialmente comercial e de capitais:

*A Europa foi alvo de uma série de tentativas de unificação pela força, mas houve também ideias nobres de criação de uma comunidade democrática e voluntária dos povos europeus. Victor Hugo disse: “Chegará o dia em que tu,*

<sup>76</sup> GORBACHEV, URSS, p. 43-44.

<sup>77</sup> GORBACHEV, *A URSS rumo ao século...*, p. 30.

<sup>78</sup> GORBACHEV, *Perestroika*, p. 244-245.

<sup>79</sup> VOLKOGONOV, *Os sete chefes do Império...*, p. 401. O que não era exatamente uma novidade entre os líderes soviéticos. Durante a Crise dos Mísseis, Krushev havia enviado duas versões do mesmo telegrama: um agressivo e confiante, dirigido aos políticos e generais e à divulgação pública interna. O outro, conciliador e pacificador, foi enviado à Casa Branca. Porém, ambas as versões foram captadas e entregues ao grupo de Kennedy.

*França, tu, Rússia, tu, Itália, tu, Grã-Bretanha, tu, Alemanha, todas vós, nações do continente, sem perderdes os vossos traços distintivos nem a vossa magnífica singularidade, formareis uma sociedade suprema, uma fraternidade europeia... Chegará o dia em que os mercados, abertos ao comércio, e os intelectos, abertos às ideias, serão o único campo de batalha!” [...].*

*As ordens sociopolíticas dos países mudaram no passado e continuarão a mudar no futuro, mas essa alteração é um direito exclusivo dos povos desses países. Toda e qualquer ingerência nos assuntos internos dos Estados [...] sejam amigos e aliados ou quaisquer outros países, são inadmissíveis.<sup>80</sup>*

A intenção fica clara: não abandonar o Leste Europeu para a OTAN ou a CEE, mas sim integrar mesmo a URSS no bloco ocidental num movimento conjunto do Leste em direção ao Oeste<sup>81</sup>.

### **As Negociações dos Acordos de Desarmamento**

O crescente pan europeísmo de Gorbachev teve princípios nada abonadores, como a crise com Kohl (em que Gorbachev criticou a visita de Ronald Reagan e o primeiro-ministro alemão Helmut Kohl a um cemitério da SS e Kohl afirmou que Gorbachev era um propagandista, “como Goebbels”) e a questão dos euromísseis, pendente desde o início da década de 1980. Muito se fala de suas boas relações com os líderes conservadores como Reagan e Thatcher, mas pouco sobre os espinhos nas relações com os mesmos. O líder com quem Gorbachev teve relações mais amigáveis foi o socialista González, da Espanha – mais próximo, inclusive, que o presidente francês, Mitterand, segundo o próprio Gorbachev<sup>82</sup>. A política pan-europeia rapidamente se tornou uma política de ocidentalização (vista como sinônimo, por si só, de modernização) tanto social e econômica interna, quanto das relações internacionais do país, no sentido de aderir às posições diplomáticas ocidentais (como na mudança de tratamento dos antigos aliados do Terceiro Mundo).

Gorbachev, a partir de 1986, passa a frisar que o desarmamento era uma necessidade primária para a União Soviética. Sem ele, o país não poderia investir na modernização de seu parque produtivo e realizar a “aceleração do progresso técnico-científico” - adentrar na terceira revolução industrial. Com o tempo, passa a afirmar que os custos eram insuportáveis para o país. No entanto, na administração

<sup>80</sup> GORBACHEV, *A proposta*, vol. 4, p. 184-185.

<sup>81</sup> Vladimir Putin renovou a proposta quinze anos depois. Tratava-se de uma campanha publicitária, de embate entre discursos, como forma de minar o projeto de Bush de um escudo de mísseis, em tese dirigido contra o Irã, mas que na prática ameaçava a Rússia. Putin, ao contrário de Gorbachev, não possuía nenhuma esperança de que a Rússia fosse aceita nos círculos fechados existentes exatamente para isolá-la. O que reforça a tese de que Gorbachev criou sua diplomacia sobre frágeis pressupostos.

<sup>82</sup> BROWN, *The Gorbachev Factor...*, p. 116.

Andropov a superioridade estratégica era mantida nos mesmos patamares, com a produção e disposição de mísseis na mesma proporção que o assentamento dos euromísseis ocidentais<sup>83</sup>. A necessidade econômica do desarmamento foi transformada por Gorbachev num dos principais instrumentos de relações-públicas e afirmação da credibilidade das intenções pacifistas e de redução dos arsenais atômicos e convencionais.

Em 1985, a superioridade estratégica nuclear deveria ser mantida, pois era o único obstáculo aos “apetites agressivos do imperialismo”. A guerra fria e a escalada armamentista eram culpa do imperialismo – do sistema, e não de ações que poderiam ser mudadas mais facilmente do que estruturas. Do mesmo modo, não havia nada que previsse a necessidade de segurança por parte do Ocidente. A intenção dos EUA não eram acordos com concessões mútuas, mas tratados desequilibrados que lhe permitiriam exercer uma “posição dominante no mundo”. O verdadeiro senhor “*nyet*” era a diplomacia americana, e esta máscara caíria diante de seu público interno, visto que seria impossível participar de negociações de desarmamento, ao mesmo tempo em que se promove uma corrida armamentista<sup>84</sup>.

O modelo de paz proposto por Gorbachev era ainda o da *Détente* de Brejnev. Em Genebra, Gorbachev acusou o governo Reagan de desrespeitar os acordos SALT II (de limitação de armas atômicas) com os euromísseis e ABM (de salvaguarda contra a militarização do espaço) com a IDE<sup>85</sup> – quem era digno de descrédito por descumprir acordos internacionais eram os americanos. Mas o antagonismo de interesses frente a estas duas posições foi minimizado em seus discursos subsequentes<sup>86</sup>. Em 1986 ainda afirmava que, foi “a paridade estratégica que afastou as chances de uma guerra nuclear”, o que era uma conquista. Se em 1985 alegou que cada país era livre para escolher seu destino, em 1986 detalhou sua posição. No XXVII Congresso do PCUS estabeleceu a meta para um ano 2000 sem armas nucleares. Contava com o apelo popular desse anúncio. A diplomacia da popularidade estava sendo construída: “O programa soviético sensibilizou milhões de pessoas” ao deixar claro que carecia da desmilitarização, o que fortalecia a política de sinceridade diplomática, de transparência de propostas e negociações, de estar na “vanguarda do desarmamento e do pacifismo” e deixava claro que, quem obtinha lucros com o belicismo era o complexo industrial-militar dos EUA e sua ramificação política, o que era um ponto de força para colocá-los na defensiva. Tornou públicas as propostas americanas de desarmamento feitas às portas fechadas e faz a crítica ao seu estreitismo – o que gerou um embaraço para os americanos e uma atuação nada comum na diplomacia<sup>87</sup>.

---

<sup>83</sup> VOLKOGONOV, *Os sete chefes do Império...*, p. 324.

<sup>84</sup> GORBACHEV, *URSS*, p. 41-51.

<sup>85</sup> GORBACHEV, *URSS*, p. 93.

<sup>86</sup> GORBACHEV, *Tempo para a paz...*, p. 34.

<sup>87</sup> GORBACHEV, *Tempo para a paz...*, p. 98.



**Fig. 1** – Reunião do G7 + 1 em julho de 1991, retratada por Gorbachev em seu livro de memórias, enfatizando o clima otimista e descontraído: “Reuni-me com os líderes dos sete grandes países industrializados, visando a integração da União Soviética na economia mundial”<sup>88</sup>.



**Figs. 2 e 3** – Jornalistas flagraram em vídeo a apreensão de Gorbachev diante da negativa do empréstimo de US\$ 280 bilhões por parte do G7 e do FMI e da venda das Ilhas Sakalinas para o Japão. Cenário bem diferente daquele que Gorbachev retratou, até mesmo graficamente, em seu livro. Mais uma vez o premiê soviético parece ter avaliado mal a situação ao seu redor e as possibilidades da URSS<sup>89</sup>.

A necessidade percebida por Gorbachev, de fazer concessões unilaterais, pôde dar espaço ao jogo publicitário ao dizer que “a URSS está disposta a justificar as esperanças dos povos dos nossos dois países e de todo o mundo”, em vez de uma

<sup>88</sup> GORBACHEV, *O Golpe de Agosto...*, p. 74-75.

<sup>89</sup> COLD War. Episódio 24: “Conclusions”. Direção de Jeremy Isaacs. Produção de Pat Mitchell e Jeremy Isaacs. Série televisiva de documentários. Nova York:Turner; CNN, 1998 (NTSC; colorido; inglês; legendado em português; Dolby Digital Stereo; 50 min).

presumida fraqueza. A noção de diplomacia internacional como reflexo da luta de classes e da libertação do terceiro mundo foi paulatinamente abandonada, ao contrário de 1985, quando eram defendidas. As “contradições sociais, políticas e econômicas” deveriam ser deixadas de lado por um consenso mútuo baseado nos “valores universais e na civilização”, com a criação de um “sistema global de segurança econômica internacional” que possa defender todos os Estados “das discriminações, das sanções, e de outros atributos da política imperialista”. “O mundo ficou muito pequeno e frágil”, devido à globalização e a interdependência, para que a guerra ainda tivesse lugar<sup>90</sup>. Os conflitos armados eram uma herança milenar que precisava ser superada para que a nova realidade mundial emergisse definitivamente. Ele aderiu a ideias próximas ao conceito de exterminismo, ao afirmar que a corrida nuclear engendrou uma lógica própria e fora de controle, onde “a superioridade militar não interessa a ninguém” já que “a paridade deixará de ser um fator de contenção” – posições parecidas com a de Eisenhower ao deixar a Casa Branca, mas avessas a sua concepção um ano antes. Gorbachev atacou Brejnev (que afirmara que a URSS adotara uma estratégia defensiva e que não seria a primeira a iniciar um confronto nuclear) ao falar da “construção da doutrina militar soviética defensiva”, como algo ainda a ser feito.

Portanto, estava em marcha o abandono da crença no imperialismo como causa única da corrida armamentista, como também o reconhecimento de interesses legítimos de segurança por parte do Ocidente. “A segurança deve ser de todos”. Incorporou a ideia, como tantas outras ideias, definições e versões ocidentais, de que se os americanos apelidaram Molotov ou Gromyko de “*Senhor Nyet*” (Senhor Não) era porque de fato eram intransigentes. O velho pensamento serviria apenas para impor obstáculos caprichosos para o processo de paz. Era a inversão das posições de 1985<sup>91</sup>.

Em 1987, ainda falava no “dever internacionalista”<sup>92</sup> – termo usado no passado para justificar a atuação externa do país, como a invasão do Afeganistão. Lenin ensinou a conviver e a participar do sistema internacional com os países capitalistas, a construir o caminho para a paz e a cooperação internacional, e como afastar o “radicalismo de esquerda”<sup>93</sup>. O mundo havia se globalizado e a URSS precisa inserir-se nele. Não existiria outra opção. Diante da ameaça nuclear, as preocupações de classe deveriam dar lugar às preocupações humanistas e aos valores universais. Apenas estes valores e a sinceridade poderiam desarmar o discurso antissoviético, e mesmo libertar o Ocidente do militarismo. “é possível avançar nessa questão sem

---

<sup>90</sup> A noção de que as guerras poderiam ser superadas pelas ligações econômicas entre as nações (e o interesse bélico disfarçado sob os embargos ao bloco socialista) foram apontados por Gorbachev ainda em 1984, na primeira das muitas reuniões do futuro secretário-geral com homens de negócios do mundo capitalista, em busca de “vantagens mútuas”. GORBACHEV, *Tempo para a paz...*, p. 153.

<sup>91</sup> GORBACHEV, *A URSS rumo ao século...*, p. 91-97.

<sup>92</sup> GORBACHEV, *Glasnost...*, p. 120.

<sup>93</sup> Os termos “esquerda” e “direita” assumiram sentidos diferentes do usual na URSS de Gorbachev. Aqueles que defendiam mudanças radicais no sistema do socialismo real ou seu fim, eram classificados como esquerda. Aqueles que defendiam sua preservação, de direita. Gorbachev usa “esquerda” em seu *Perestroika* na acepção do Ocidente, já que se dirige a este. BROWN, Archie & SHEVTSOVA, Lilia. *Gorbachev, Yeltsin & Putin*. Brasília: Editora da UnB, 2004, p. 27.



causar prejuízo a ninguém”. Um mundo unificado permitiria à URSS “incorporar-se na divisão internacional do trabalho e de recursos”, o que asseguraria a paz, através das interdependências mútuas. O Ocidente deveria ser cativado através do retorno da URSS aos princípios do verdadeiro socialismo, através do expurgo das distorções impostas pelos conservadores. Ocorreria uma aproximação e convergência política, econômica e social de ambos os blocos<sup>94</sup>.

Em 1990 e 1991 acentuou a aproximação com os países ricos. Com o golpe conservador de agosto de 1991, que tentou retirá-lo do poder e salvar o caráter unitário do país antes que o Novo Tratado da União fosse assinado e a URSS se transformasse na UES<sup>95</sup>, a cisão com antigos aliados e clientes ou alvos da diplomacia, se consumou. Gorbachev elogia os líderes que se negaram a reconhecer o golpe, como Hosni Mubarak, do ex-desafeto Paquistão, e associou aqueles que apoiaram o golpe, Saddam Hussein e Kadafi, como foras da lei – na mesma linha das afirmações de Reagan e Bush<sup>96</sup>. Analistas subseqüentes, como Gaidar, afirmaram que a diplomacia soviética fora direcionada para satisfazer o Ocidente e assim conseguir empréstimos e investimentos. O que é falso para o período anterior a 1990. Mas parcialmente correto após. Gorbachev tentou desanuviar os sentimentos ocidentais de que a URSS se desintegraria em guerra civil e instabilidade global, ao afirmar que a solução para uma transição pacífica era o auxílio monetário dos países ricos à URSS. Conhecedor da aproximação americana com o rival presidente da república russa, Yeltsin, procura se apresentar como o único agente político capaz de transformar a possível ajuda em paz interna:

*Se conseguirmos organizar ações conjuntas em novas formas e trabalhar com novos órgãos e gente nova, o Ocidente nos apoiará, pois ele está procurando com quem negociar. É por esta razão, tanto pelos processos internos quanto pela cooperação com o mundo exterior (essencial para nós), que todos estes problemas devem ser tratados sem demora [...].*

*Espero agora que o Ocidente dê mais atenção ao que tenho dito com insistência nas minhas solicitações de uma cooperação prática e produtora com nosso país [...].*

*O livre comércio e a inversão de dólares na economia soviética tornariam “irreversível a integração deste vasto país à comunidade das nações civilizadas. Não sei quanto isso nos custará, mas tenho certeza de que o preço não se*

<sup>94</sup> GORBACHEV, *Outubro e a Perestroika...*, p. 58-59; p. 84.

<sup>95</sup> O projeto da União de Estados Soberanos, que substituiu o de União das Repúblicas Soberanas Soviéticas, previa frouxos laços entre as repúblicas. A nova URSS parecer-se-ia muito com a sucessora CEI ou a União Europeia, com um presidente com poder nominal. Era a resposta de Gorbachev para o processo de “derrubamento” do poder central: ao mudar o poder do partido para o Estado tornando-se presidente da URSS, abriu espaço para as autoridades de cada uma das quinze repúblicas – inclusive a Rússia de Yeltsin – a fazer o mesmo, reformulando suas leis e esferas de atribuições, declarando sua autonomia ou independência frente ao poder do Kremlin. Previu-se até a divisão das forças armadas.

<sup>96</sup> GORBACHEV, *O Golpe de Agosto...*, p. 36.

*compara ao que nos custou o confronto”.*<sup>97</sup>

Sobre a posição do país no mundo, tanto presente quanto passada, o fim da URSS e a prevista criação da UES, repete a visão liberal ocidental, gradualmente compartilhada com seus assessores:

*Teríamos que fazer uma escolha: ou colocar o mundo todo na nossa mira, ou aceitar nossa inferioridade militar. Fomos uma superpotência com uma economia ineficaz, tornamos de fato um apêndice de matérias-primas das nações desenvolvidas, enquanto nosso padrão de vida era muito inferior ao deles. Será que é patriótico que os cidadãos preocupados com o prestígio de sua pátria sintam saudade de tudo isso?*

*Acabamos com essa política externa que servia a meta utópica de disseminar as ideias comunistas pelo mundo, que nos levou ao beco-sem-saída da “guerra fria” [...]. A libertação da humanidade da ameaça de um Armagedon nuclear fortificou, de fato, a segurança do nosso próprio país. Estabeleceu-se uma base simples para a consolidação futura da posição externa de nosso país. Lembremos o famoso ministro das Relações Exteriores do século passado, o príncipe Gortchakov; “A Rússia se concentra”, dizia ele, referindo-se ao renascimento de seu prestígio como consequência das reformas das décadas de 1860 e 1870.*<sup>98</sup>

## **Considerações Finais**

A perda do inimigo ideológico, além de pôr em xeque a diplomacia americana, trouxe também consequências imprevistas, como o fim de um amálgama social dentro do Leste Europeu, baseado no medo comum de um ataque ocidental. O fim do controle sobre o Leste, sem que ocorresse qualquer reação do Kremlin, estimulou o separatismo interno. A recusa do uso da força e a extinção da zona de influência soviética sem que esta fosse conquistada militarmente, foram explicadas por Gaidar, ministro de Yeltsin, como a imposição da falência econômica e da necessidade de ajuda financeira externa – que não seria entregue se fosse feito o uso da repressão ou a manutenção de regimes aliados<sup>99</sup>. A crise econômica teve influências sobre a capacidade militar e a condução da política externa, mas só se tornou profunda gradualmente entre 1987-90, quando o déficit orçamentário anual pulou de 20 para 120 bilhões de rublos.

As propostas de desarmamento eram tão leoninas (como a opção zero americana, que eliminou os mísseis de médio alcance do solo europeu, mas que

<sup>97</sup> GORBACHEV, *O Golpe de Agosto...*, p. 68; p. 89; p. 92.

<sup>98</sup> GORBACHEV, *O Golpe de Agosto...*, p. 128.

<sup>99</sup> GAIDAR, Egor. *Collapse of an empire*. Washington: Brookings Institution Press, 2007, p. 214-215.

significou a destruição de três vezes mais ogivas soviéticas que americanas) que o próprio corpo diplomático técnico teve que ser expurgado para não se opor (a primeira baixa deu-se dias depois da ascensão de Gorbachev, com a remoção de Gromyko do Ministério do Exterior). Mesmo assim, os negociadores ocidentais os contornavam para recorrer diretamente a Gorbachev e Shevardnadze, que, mais compreensíveis, tendiam a encurtar o tempo de discussão e a defender as concessões<sup>100</sup>. Abandonar sólidas posições de força, como a superioridade estratégica na Europa, em troca de uma ascendência moral e a vanguarda de uma opinião pública mundial, volúveis, ou arriscar suas fichas (e Gorbachev era um grande apostador político) numa possível futura integração mundial, primeiramente no eixo Leste-Oeste, seguida pelo Norte-Sul, se demonstraram rapidamente posições não mais realistas ou menos ideológicas do que a diplomacia baseada na luta de classes. Pelo contrário. A URSS não foi aceita economicamente no círculo das nações capitalistas desenvolvidas, não recebeu a ajuda financeira prometida pelo FMI (Fundo Monetário Internacional) e G7 (Grupo dos países mais desenvolvidos), e teve sua área de influência ocupada diplomaticamente pelo Ocidente assim que se retirou dela.

Para responder e justificar politicamente esses malogros, o assessor e guru de Gorbachev, Alexander Yakovlev, afirmou que o mundo todo mudou pela ação de Gorbachev, menos o povo soviético, que não aderiu ao novo pensamento, pois estava mais preocupado com o fantasma de ter que trabalhar mais e melhor. Alianças militares não eram necessárias (uma resposta plausível dentro da “*realpolitik*”, já que a URSS foi privada de entrar na OTAN – apesar do pedido de Shevardnadze durante as negociações de unificação alemã – e a que ela comandava evaporou-se, ficando completamente sozinha, contudo, assombrosa se pensarmos que saiu de um diplomata). As alianças deveriam ser como as do século XIX, passageiras e não duradouras, com amigos de ocasião e não aliados, pois isso “busca a confrontação”. “Para quê aliados se não temos mais inimigos?”. Afinal, os EUA são ricos, “se quiserem gastar com armamentos, que o façam”<sup>101</sup>.



<sup>100</sup> LÉVESQUE, *The enigma of 1989...*

<sup>101</sup> YAKOVLEV, *O que queremos fazer...*, p. 84-106.

## RESUMO

Durante a maior parte do século XX, as análises explicativas sobre a conduta diplomática concentraram sua atenção em razões econômicas e circunstanciais objetivas. Essa abordagem não é capaz de abarcar todos os processos da história das relações internacionais. Uma abordagem alternativa, baseada nas expectativas e nos julgamentos da liderança, permite perceber que a atuação do Kremlin na Era Gorbachev desconsiderou pontos de força que a URSS possuía (poderio e presença militares, suas alianças), em virtude de novas preocupações, de uma nova perspectiva de alinhamento do país, de uma visão pouco realística que acentuava suas fraquezas e idealizada suas oportunidades, compartilhada pelo setor reformista que assumiu o poder em 1985.

**Palavras Chave:** Diplomacia; União Soviética; Mikhail Gorbachev.

## ABSTRACT

During most of the twentieth century, the explanatory analyzes on diplomatic conduct focused their attention on economic and circumstantial objective reasons. This approach is not able to encompass all processes in the history of international relations. An alternative approach based on the expectations and judgments made by the leadership, allows realize that the actions of the Kremlin in the Gorbachev Era dismissed strong points that the USSR had (power and military presence, their alliances), due to new concerns, a new perspective alignment of the country, a little realistic view that accentuated their weaknesses and their idealized opportunities, shared by reformist sector.

**Keywords:** Diplomacy; Soviet Union; Mikhail Gorbachev.

Artigo recebido em 21 out. 2015.

Aprovado em 05 abr. 2016.